OPINIÃO SOCIALISTA
O JORNAL DO PSTU
ANO X - EDIÇÃO 263
R$ 2 - DE 29/6 A 5/7/2006

ATO LANÇA A FRENTE DE ESQUERDA

PSOL, PSTU e PCB lançam Heloísa Helena à Presidência, em ato no local do Quilombo dos Palmares

PÁGINAS 6 E 7

PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO DEIXAM A CUT

PÁGINA 8

O IMPERIALISMO E A RESISTÊNCIA DO POVO IRAQUIANO E AFEGÃO

CORREIO INTERNACIONAL

PISANDO NA BOLA: O RACISMO NO FUTEBOL

PÁGINA 12

CONVENÇÕES MILIONÁRIAS 1 - A convenção do PT que lançou a candidatura de Lula, no último dia 24, custou mais de R$ 620 mil, de acordo com o secretário de finanças do partido.

CONVENÇÃO MILIONÁRIA 2 - Já a convenção tucana custou cerca de R$ 1 milhão. Pelos gastos dos dois, já dá pra notar que vai rolar "dinheiro não contabilizado" nas campanhas.

PISANDO NA BOLA

No jogo Suíça x Togo, no último dia 19, o comentarista da Rede Globo Sérgio Noronha soltou a seguinte pérola: "*Só mesmo a Copa do Mundo para colocar no mesmo campo a Suíça civilizada contra esta nação africana NÃO muito civilizada*". É um absurdo o que falou o Noronha. Revela no mínimo a sua visão preconceituosa sobre o continente africano. Só pra lembrar, a "civilizada" Suíça é o lugar onde ladrões guardam seu dinheiro roubado de países pobres.

PÉROLA

"Acredito que isso não foi um ato de desespero, mas um ato de guerra assimétrica"

ALMIRANTE HARRY HARRI, comandante da prisão norte-americana de Guantánamo, dizendo que o suicídio dos prisioneiros é mais uma "estratégia terrorista" contra os Estados Unidos (*Carta Capital*).

DEVOLUÇÃO

O cartunista Jaguar devolveu a medalha Pedro Ernesto, recebida há oito anos pela Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro. Jaguar ficou revoltado com o fato do ex-deputado Roberto Jefferson, pivô do mensalão, ter recebido a mesma homenagem dias atrás pela Câmara. "*O sujeito é réu confesso de corrupção. Não deu para engolir*", protestou o cartunista.

CHARGE / AROEIRA

O PAPEL DA ARARACRUZ

Quilombolas, indígenas e camponeses do Espírito Santo publicaram uma nota de repúdio a Pelé, Gilberto Gil e Daiane dos Santos por participarem do comercial "Fazendo um papel bonito no mundo inteiro", da Aracruz Celulose. A empresa é acusada de cometer crimes contra o meio ambiente e populações quilombolas e indígenas, como na ação no início de 2006, contra indígenas.

VENDENDO RACISMO

Racismo na publicidade não é nenhuma novidade. Mas, também não tem limites. O anúncio ao lado foi publicado na internet pela Printess, uma agência que tem, entre seus clientes, shoppings, escolas de línguas e empresas de vários outros ramos. A imagem diz por si só: o site "inadequado" é aquele associado à imagem de um menino negro, tristemente idiotizado, irremediavelmente sem futuro. A imagem "correta" seria a dos brilhantes olhos azuis envoltos em uma rechonchuda e saudável carinha branca. Se são com estes estereótipos racistas que a agência se vende, imaginem o que deve oferecer a seus clientes. Acesse o site printess.com.br e proteste.

EDITORA LANÇA NOVOS TÍTULOS

EDMUNDO FERNANDES DIAS — POLÍTICA BRASILEIRA: EMBATE DE PROJETOS HEGEMÔNICOS

POLÍTICA BRASILEIRA: EMBATE DE PROJETOS HEGEMÔNICOS. Edmundo Fernandes Dias
240 páginas - R$ 35

Escrito por um dos fundadores do ANDES (Sindicato Nacional dos Docentes do Ensino Superior), este livro discute, em sua primeira parte, o pensamento do marxista italiano Antonio Gramsci. Na segunda parte, o autor desenvolve uma acurada análise da política brasileira. Indo além das simples aparências, procura as determinações da política brasileira em um tempo histórico que transcende a conjuntura. É esta análise que lhe permite desenvolver uma crítica implacável ao governo Lula e afirmar a alternativa socialista.

INTRODUÇÃO À TEORIA ECONÔMICA MARXISTA. Ernest Mandel – Pierre Salamas
88 páginas - R$ 7

CADERNO DE FORMAÇÃO ILAESE - 3 — Introdução à Teoria Econômica Marxista — Módulo - 01 — ILAESE Instituto Latino-Americano de Estudos Sócio-Econômicos

O terceiro número da série "Cadernos de Formação Ilaese" inicia o curso de Introdução à Teoria Econômica Marxista, no qual se aborda conceitos e teorias mais importantes da crítica à economia política, de Karl Marx, numa linguagem clara e acessível. Para tanto, foram utilizadas partes de duas obras: os dois primeiros capítulos do livro elaborado por Mandel (Iniciação à Teoria Econômica Marxista), no início dos anos 1970 e o capítulo 6 do livro de Pierre Salamas e Jacques Valier (Uma introdução à Economia Política) sobre as crises de superprodução.

PEDIDOS: (11) 3253 5801 editora_jlrsundermann@yahoo.com.br

EXPEDIENTE

OPINIÃO SOCIALISTA
é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua dos Caciques, 265 - Saúde - São Paulo - SP - CEP 04145-000
Fax: (11) 5581.5776 e-mail: *opiniao@pstu.org.br*

CONSELHO EDITORIAL Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, João Ricardo Soares, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates "Mancha", Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary **EDITOR** Eduardo Almeida Neto **JORNALISTA RESPONSÁVEL** Mariúcha Fontana (MTb14555) **REDAÇÃO** Diego Cruz, Jeferson Choma, Marisa Carvalho, Wilson H. da Silva, Yara Fernandes **CAPA** Foto Agência Brasil **DIAGRAMAÇÃO** Gustavo Sixel e Mônica Biasi **REVISÃO** Marisa Carvalho **IMPRESSÃO** Gráfica Lance (11) 3856-1356 **ASSINATURAS** (11) 3105-6316 *assinaturas@pstu.org.br - www.pstu.org.br/assinaturas*

ENDEREÇOS

SEDE NACIONAL

Rua dos Caciques, 265
Saúde - São Paulo (SP)
CEP 04145-000 - (11) 5581-5776

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
sindical@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br
livraria@pstu.org.br
internacional@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - Rua A-41, Quadra B5, 258
Bairro Graciliano Ramos - Maceió - AL
(82)9903.1709 (81)9101.5404
maceio@pstu.org.br

AMAPÁ

MACAPÁ - Av. Pe. Júlio, 374 - Sala 013 - Centro (altos Bazar Brasil)
(96) 3224.3499
macapa@pstu.org.br

AMAZONAS

MANAUS - R. Luiz Antony, 823, Centro (92) 234-7093
manaus@pstu.org.br

BAHIA

SALVADOR - R.Fonte do Gravatá, 36, Nazaré (71) 321-3632
salvador@pstu.org.br
ALAGOINHAS - R. 13 de Maio, 42 Centro
IPIAÚ - Av. Lauro de Freitas, 282, Centro
VITÓRIA DA CONQUISTA
Rua C, Quadra C, 27 - Morada do Bem Querer - Candeias
www.pstu.org.br/conquista

CEARÁ

FORTALEZA *fortaleza@pstu.org.br*
CENTRO -Av. Carapinima, 1700, Benfica (82) 254-4727
www.pstufortaleza.org
MARACANAÚ -Rua 1, 229 - Conjunto Jereissati 1
JUAZEIRO DO NORTE - Rua Padre Cícero, 985, Centro

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - Setor de Diversões Sul - CONIC - Edifício Venâncio V, sala 506
Asa Sul - Brasília - DF
brasilia@pstu.org.br

ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA - *vitoria@pstu.org.br*

GOIÁS

FORMOSA - Av. Valeriano de Castro, nº 231, Centro - (61) 631-7368
GOIÂNIA - R. 70, 715, 1º and./sl. 4 (Esquina com Av. Independência)
(62) 9244-9090
goiania@pstu.org.br

MARANHÃO

SÃO LUÍS - (98) 3245-8996 / 3258-0550
saoluis@pstu.org.br

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165, Jd. Leblon (65) 9956-2942

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921
Vila Planalto (67) 384-0144
campogrande@pstu.org.br

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE *bh@pstu.org.br*
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 - Centro (31) 3201-0736
BETIM - R. Inconfidência, sl 205 Centro
CONTAGEM - Rua França, 532/202 - Eldorado - (31) 3352-8724
JUIZ DE FORA juizdefora@pstu.org.br
UBERABA R. Tristão de Castro, 127 - (34) 3312-5629
uberaba@pstu.org.br
UBERLÂNDIA - R. Ipiranga, 62 - Cazeca

PARÁ

BELÉM *belem@pstu.org.br*
Tv. do Vileta, 2.519 - (91) 226-3377
ICOARACI - R. Pe. Júlio Maria, 403/1 (91) 227-8869 / 247-7058
CAMETÁ - Tv. Maxparijós, 1195, B. Novo
RONDON DO PARÁ - R. Ayrton Senna, 147 (94) 326-3004
SÃO FRANCISCO DO PARÁ - Rod. PA-320, s/nº (ao lado da Câmara) (91) 96172944

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - R. Almeida Barreto, 391, 1º andar - Centro (83) 241-2368 -
joaopessoa@pstu.org.br

PARANÁ

CURITIBA - R. Alfredo Buffren, 29 sl. 4

PIAUÍ

TERESINA - Rua Quintino Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO *rio@pstu.org.br*
(21) 2232-9458
LAPA - Rua da Lapa, 180 - sobreloja
DUQUE DE CAXIAS - Rua das Pedras, 66/01, Centro
NITERÓI - Av. Visconde do Rio Branco, 633 / 308 - Centro
niteroi@pstu.org.br
NOVA FRIBURGO - Rua Guarani, 62 - Cordueira (24) 2533-3522
NOVA IGUAÇU - Rua Cel Carlos de Matos, 45 - Centro
novaiguacu@pstu.org.br
SÃO GONÇALO - Rua Ary Parreiras, 2411 sala 102 - Paraíso (próximo a FFP/UERJ)
SUL FLUMINENSE
sulfluminense@pstu.org.br
BARRA MANSA - Rua Dr Abelardo de Oliveira, 244 Centro (24) 3322-0112
VALENÇA - Pça Visc.do Rio Preto, 362/402, Centro (24) 3352-2312
VOLTA REDONDA - Av. Paulo de Frontim, 128- sala 301 - Bairro Aterrado
NORTE FLUMINENSE
nortefluminense@pstu.org.br

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL
CIDADE ALTA - R. Dr. Heitor Carrilho, 70 (84) 201-1558
ZONA NORTE - Rua Campo Maior, 16 Centro Comercial do Panatis II

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE *portoalegre@pstu.org.br*
CENTRO - R. General Portinho, 243 (51) 3024-3486 / 3024-3409
ZONA NORTE - Av. Baltazar de Oliveira Garcia, 2669 Sala 205 (Esquina com Manoel Elias) (51) 3024-3419
BAGÉ - (53) 8402-6689 / 3241-7718
PASSO FUNDO - (54) 9993-7180
RIO GRANDE - (53) 9977-0097
SANTA MARIA - (55) 84061675 / 3223-3807, *santamaria@pstu.org.br*

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos, 104, Centro (48) 3225-6831
floripa@pstu.org.br
CRICIÚMA - Rua Pasqual Meller, 299, Bairro Universitário, (48) 9102-4696
agapstu@yahoo.com.br

SÃO PAULO

SÃO PAULO *saopaulo@pstu.org.br*
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento (11) 3313-5604
ZONA NORTE -Rua Rodolfo Bardela, 183 V. Brasilândia (11) 3925-8696
ZONA LESTE - R. Eduardo Prim Pedroso de Melo, 18 (próximo à Pça. do Forró) - São Miguel
ZONA SUL Santo Amaro – Av. João Dias, 1.500 - piso superior
BAURU - Rua Antonio Alves nº6-62 - Centro - (14) 227-0215
bauru@pstu.org.br
www.pstubauru.ig.com.br
CAMPINAS - R. Marechal Deodoro, 786 (19) 3235-2867
campinas@pstu.org.br
GUARULHOS *guarulhos@pstu.org.br*
Av. Esperança, 705 casa 2 Vila Progresso (11) 6441-0253
Av. João Veloso, 200 - Cumbica (11) 3436-8887
JACAREÍ - R. Luiz Simon,386 - Centro (12) 3953-6122
MOGI DAS CRUZES - Rua Engenheiro Gualberto, 53 - Centro (11) 4796-8630
www.pstu.org.br/altotiete
RIBEIRÃO PRETO
Rua Paraíso, 1011, Térreo - Vila Tibério (16) 3637-7242
ribeiraopreto@pstu.org.br
SANTO ANDRÉ -Rua Oliveira Lima, 279 sala 5 - 2º andar
SÃO BERNARDO DO CAMPO - R. Mal. Deodoro, 2261 - Centro (11) 4339.7186
saobernardo@pstu.org.br
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
sjc@pstu.org.br
CENTRO - Rua Sebastião Humel, 759 (12) 3941.28455
ZONA SUL - Rua Brumado, 169 - Vale do Sol
SOROCABA - Rua Prof. Maria de Almeida, 498 - Vila Carvalho (15) 9129.7865
sorocaba@pstu.org.br
SUZANO *suzano@pstu.org.br*
TAUBATÉ - Rua D. Chiquinha de Mattos, 142/ sala 113 - Centro

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco José da Fonseca, 1538-b
Cjto. Orlando Dantas (79) 3251-3530
aracaju@pstu.org.br

EDITORIAL

TORCER, TORCER

A atenção do país está voltada para a Copa do Mundo. O calendário das pessoas já não é dividido entre os dias normais de trabalho e o fim de semana. Existem os dias dos jogos e os outros. Como o futebol é muitas vezes imprevisível, isso também pode já ter mudado quando esse editorial for lido. Escrevemos na véspera de um dia de jogo, que pode mudar tudo isso, caso o Brasil seja eliminado.

A pouca vida política que sobra é concentrada ao redor das convenções dos partidos que definem as candidaturas. Neste final de junho, estão sendo realizadas as convenções que definem formalmente as candidaturas para as eleições de 2006.

Aparentemente é só isso o que acontece no país, copa e a preparação das eleições. Depois da copa, segundo a idéia dos partidos dominantes no país, a agenda política vai girar ao redor das duas alternativas do campo da burguesia: de um lado o PT/PCdoB com Lula, e de outro PSDB/PFL com Alckmin.

No entanto, a vida política do país é bem mais que isso. Está se dando, ao final do governo Lula, uma reorganização sindical e política dos trabalhadores e estudantes de grande importância. Apesar da maioria seguir votando em Lula, um setor muito importante dos trabalhadores não só está rompendo com o governo, como se dispondo a construir uma alternativa de esquerda. E isso está ocorrendo também nesses dias em que o futebol é o tema quase único de conversa entre as pessoas.

Dois fatos podem demonstrar essa nova realidade. Um deles é o resultado de uma eleição sindical, que tem uma importância nacional. O Sepe é o sindicato dos profissionais da educação do Rio de Janeiro, um dos mais importantes do estado e uma das bases fundamentais da CUT. Através de um plebiscito no qual participaram mais de vinte mil professores, o sindicato se desfiliou da CUT. Duas chapas identificadas com essa proposta conseguiram juntas 63% dos votos. A chapa que defende a construção da Conlutas foi a que mais votos obteve (33%) na eleição para a direção do sindicato.

APARENTEMENTE é só isso o que acontece no país, copa e a preparação das eleições. No entanto, a vida política do país é bem mais que isso

Este resultado é parte de um processo nacional, de grande importância. Aqui está em curso a ruptura com a CUT e a construção de uma alternativa sindical e política para os trabalhadores. A Conlutas, fundada em Sumaré (SP) em maio, teve uma vitória muito importante no Rio.

Outro fato ocorreu em União dos Palmares, no interior de Alagoas, terra do histórico Quilombo dos Palmares, onde foi lançada oficialmente a Frente de Esquerda para as eleições de outubro, entre PSOL, PSTU *e PCB. Heloísa Helena é a candidata de uma frente que se propõe a ser uma alternativa ao PT e PSDB. Para escapar ao figurino previsto, depois da Copa não existirão apenas as mesmices de dois candidatos defendendo o programa neoliberal e a continuidade da corrupção. Uma alternativa eleitoral está se construindo com uma Frente de Esquerda no país.*

Depois de torcer no futebol, vamos torcer também para construir uma nova direção para as lutas neste país com a Conlutas, e pela Frente de Esquerda nas eleições de outubro.

OPINIÃO / *YARA FERNANDES, da redação*

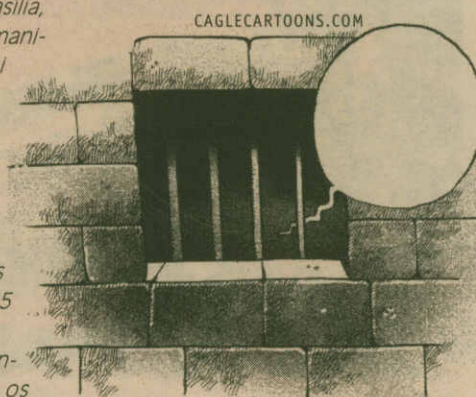
Liberdade aos presos políticos do MLST

A prisão dos manifestantes ligados ao Movimento de Libertação dos Sem-Terra (MLST) pela ocupação da Câmara dos Deputados, em 6 de junho, é mais um exemplo da criminalização dos movimentos sociais que vem sendo constante no governo Lula. Naquele dia, cerca de 550 pessoas foram presas e levadas a um ginásio, entre elas mulheres e menores de idade. Na penitenciária da Papuda, em Brasília, ainda permanecem detidos 42 manifestantes, para os quais foi decretada prisão preventiva.

No dia 20 de junho, a Polícia Federal pediu ao Ministério Público o indiciamento de outros 73 integrantes do MLST. Ao todo, 115 militantes são acusados de vários crimes. Os acusados podem pegar até 15 anos de prisão.

Além das prisões e indiciamentos, o MLST ainda conta que os presos sofreram maus tratos. No dia 14 de junho, a coordenação do movimento encaminhou uma denúncia à Secretaria Especial de Direitos Humanos, relatando abusos e maus tratos cometidos pela PM e pela Polícia Legislativa da Câmara dos Deputados contra os presos. Tais ações teriam ocorrido no primeiro dia da prisão, quando eles ainda estavam no ginásio.

Como se vê, as prisões e investigações são aplicadas a ferro e fogo sobre os movimentos sociais. Por outro lado, as centenas de parlamentares envolvidos em escândalos do mensalão ou da máfia dos sanguessugas estão livres e devem disputar as próximas eleições para continuar sugando a máquina pública.

A "ordem" defendida por todos aqueles que condenaram a ação do MLST é aquela que mantém os mesmos corruptos no poder, o latifúndio e o lucro dos banqueiros, às custas da miséria da maioria da população. Lula, o governo e o Congresso são os verdadeiros responsáveis pelo ocorrido na Câmara no dia 6.

As ações daquele dia tiveram um caráter ultra-esquerdista, pois foi descolada dos assentamentos e das ocupações, e apenas forneceu desculpas para a direita atacar a luta pela reforma agrária. Independente disso, o PSTU *apóia a luta dos sem-terra pela reforma agrária, luta contra a criminalização dos movimentos sociais e exige a libertação dos companheiros.*

Nesse sentido, é necessário organizar uma campanha pela imediata libertação dos sem-terras que estão presos. O primeiro passo nesse sentido foi a realização de um ato político em Brasília, no ultimo dia 21. Nele estiveram várias organizações sindicais e partidárias, como a Andes, Condsef, Fenasps, Intersindical: Metalúrgicos de Campinas, Limeira, Santos (diretoria eleita), Conlutas, MST, MLST, CPT, PSTU, *P-SOL, entre outras organizações.*

A Conlutas publicou uma nota exigindo a libertação dos companheiros e, com outras entidades, prepara agora uma campanha nacional.

É necessário estender essa luta para todo o país. Chamamos todos os ativistas e lutadores a denunciar o ataque do governo Lula aos movimentos sociais e defender a libertação dos militantes sem-terra do MLST.

30 ANOS APÓS SOWETO, AINDA É PRECISO LUTAR

WILSON H. DA SILVA, da redação

Em 16 de junho de 1976, milhares de adolescentes das escolas secundaristas de Soweto, na África do Sul, saíram às ruas para protestar contra a imposição do ensino do "africânder" (a língua falada pelos colonizadores brancos) nas escolas do país, uma forma nada sutil de tentar impor a ideologia racista à rebelde juventude negra.

O protesto – um corajoso e espontâneo desafio contra o regime do apartheid, que vigorava no país desde a década de 40 e garantia que 5% da população branca mantivesse o total controle político e econômico sobre o restante do país – foi brutalmente reprimido por forças da polícia e do exército, resultando num verdadeiro massacre, responsável pela morte de mais de 500 crianças.

O primeiro deles foi Hector Pieterson, de 13 anos, cuja foto do corpo sendo carregado por um amigo percorreu o mundo, detonando uma onda de protestos que varreu todos os cantos do planeta, marcando o que muitos consideram o "início do fim" do regime racista sul-africano.

DÉCADAS DE LUTA

A explosão da juventude negra foi resultado da insuportável mescla de décadas da segregação racial e exploração sem limites, que mantinha a população negra em gigantescos e miseráveis guetos, como Soweto, uma "township" (favela) onde cerca de um milhão de pessoas viviam em condições subumanas.

A repercussão do massacre ecoou em todo o país. Nos meses seguintes, mobilizações semelhantes não só se espalharam pelas principais cidades, resultando na morte de mais 600 pessoas, mas também na intensificação e radicalização das lutas. Foi neste contexto, por exemplo, que a Congresso Nacional Africano (CNA), dirigido por Nelson Mandela, decidiu pegar em armas contra o sistema e que Steve Biko e seu Movimento de Consciência Negra intensificaram suas ações (o que, infelizmente, acabou resultando na prisão e assassinato de Biko, em setembro de 1977).

HOJE, O APARTHEID ECONÔMICO

Nas décadas seguintes, a luta incessante do povo sul-africano levou ao desmantelamento do sistema racista do *apartheid*. As últimas leis segregacionistas foram revogadas em 1991 e, em 27 de abril de 1994, Mandela assumiu o poder como primeiro presidente negro da história do país.

Contudo, como a chegada do CNA ao poder se deu em meio a um vergonhoso processo de acordos e concessões à elite branca, hoje, apesar do fim "formal" da segregação racial, a juventude e os trabalhadores negros vivem submetidos a um verdadeiro *apartheid* econômico, no qual ainda são bastante visíveis as divisões de raça e classe.

Os dados oficiais indicam que 26,7% da população negra está desempregada, mas, dentro do próprio país, não há ninguém que afirme que esta taxa seja menor do que 40%. Além disso, a população negra que continua abarrotada nos "townships" viu surgir um novo abismo na sociedade, além daquele que continua os separando da elite branca – cujo poderio econômico foi totalmente preservado pelos conciliadores governos do CNA.

Exatamente como resultado das concessões e acordos que a burocracia negra vinculada ao governo fez com seus novos parceiros – os capitalistas brancos que rapidamente se adaptaram à lógica de que era melhor perder alguns poucos anéis do que os dedos ou a própria mãos – a África do Sul, nos últimos 10 anos, assistiu ao surgimento de uma classe média negra, endinheirada e totalmente distante dos ideais que custaram a vida de tantos, como as crianças de Soweto.

Por essas, e muitas outras, o pronunciamento do atual presidente, Thabo Mbeki, no dia 16, que teve como lema *"Era da esperança: aprofundando a participação da juventude no desenvolvimento"*, só pode ser visto como lamentável hipocrisia.

Hoje já não são poucos os sul-africanos que percebem que a luta dos jovens de Soweto ainda não foi totalmente vencida. Se é verdade que as leis do apartheid caíram, ainda é necessário derrubar o sistema que sempre se beneficiou do racismo, o capitalismo, hoje preservado e comemorado pelos ex-lutadores do CNA, agora transformados em parceiros e cúmplices da exploração da juventude e dos trabalhadores negros da África do Sul.

PARADA GLBT

CONTRA A HOMOFOBIA, A LUTA É TODO DIA

WILSON H. DA SILVA, da redação

No dia 17 de junho, a Parada do Orgulho de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros (GLBT) de São Paulo reuniu cerca de 2,4 milhões de pessoas. Como já havíamos anunciado *(veja matérias no site)*, o evento foi mais uma vez marcado por uma lamentável despolitização, tendo ao mesmo tempo como tema uma denúncia mais do que correta: "Homofobia é crime".

WLADIMIR SOUZA/CROMAFOTO

Seguindo a dinâmica dada pelos organizadores da Parada, os mais de 20 trios elétricos que compuseram o "desfile" inundaram as ruas com muita música e praticamente nenhuma denúncia, muito menos em relação ao governo federal, que depois de lançar, com pompa e circunstância, um programa chamado "Brasil sem Homofobia", não investiu um centavo sequer no projeto, tornando-se, assim, cúmplice direto dos constantes ataques homofóbicos que atingem a comunidade GLBT, seja na mídia, nas escolas e locais de trabalho ou, pior, nas ruas, através de ataques fatais.

"PARADA OU BALADA?"

O clima de despolitização do evento foi tamanho que, no dia seguinte, a manchete de um dos principais jornais da cidade, O *Estado de S. Paulo*, foi direto: "Parada se assume como balada". Apesar de não termos nada contra festas e outros eventos que dêem visibilidade à livre orientação sexual, é fundamental que se recupere o espírito de luta que deu origem ao Dia do Orgulho Gay, em 28 de junho de 1969, quando a comunidade GLBT de Nova Iorque promoveu uma verdadeira rebelião contra a homofobia.

Neste sentido, assim como ocorreu em São Paulo e em Campinas (SP) *(veja boletim no site)*, o **PSTU** conclama a todos os lutadores, particularmente seus parceiros na Conlutas e na Frente de Esquerda a levarem suas bandeiras e protestos às próximas Paradas para reafirmar em alto e bom som que a luta contra a homofobia não só tem que se dar todos os dias como também através de ações diretas contra o sistema que propaga e incentiva a opressão e a exploração.

PRÓXIMAS PARADAS

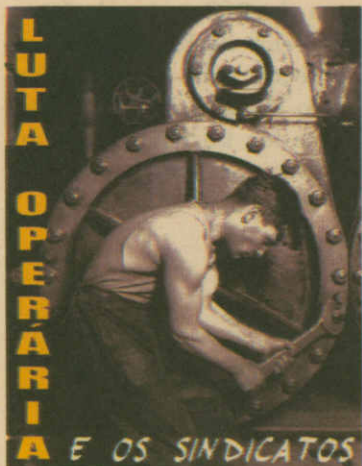
Junho
30 - Olinda (PE)

Julho
02 - Goiânia (GO) e Curitiba (PR)
06 - Salvador (BA)
09 - Florianópolis (SC)
16 - Belo Horizonte (MG) e São Luis (MA)
30 - Rio de Janeiro (RJ), Uberaba e Contagem (MG) e Aracaju (SE)

Agosto
04 - João Pessoa (PB)
13 - Maceió (AL)
27 - Belém (PA) e Macapá (AP)

Setembro
01 - Recife (PE)
03 - Salvador (BA)
17 - Natal (RN)
24 - Santo André (SP)

(veja calendário completo no site)

DO RETROCESSO DOS ANOS 90 AO GOVERNO LULA

PAULO AGUENA, *da Direção Nacional do PSTU*

A partir dos anos 90, a maioria da direção sindical e política do movimento operário - a *Articulação* - começa a desenvolver uma política para institucionalizar o movimento operário, retirando-lhe as referências classistas. Na verdade, esse processo se inicia com a "democratização" a partir da Nova República, em 1985, aprofunda-se com a Constituição de 1988 e se radicaliza com a queda do stalinismo no Leste e a contra-ofensiva lançada pelo imperialismo. No Brasil, esse momento se inicia com Collor que, logo que assume, consegue derrotar a heróica greve dos petroleiros.

IMAGEN LATINA

CONCUT em 2000

A partir desse momento, reintroduz-se a velha concepção de colaboração de classes com o objetivo de transformar novamente os sindicatos em uma força auxiliar das políticas governistas. A direção majoritária da CUT começa a defender a chamada "negociação propositiva", abandonando a atuação pautada na luta de classes. Como pano de fundo dessa mudança estava a tese de defesa de uma "abertura externa do país que, combinada com uma elevação da produtividade industrial, resultasse em crescimento econômico, benefício social como geração de emprego e distribuição de renda". Tratava-se da "inserção soberana do Brasil frente à globalização". Logo esse "sindicalismo propositivo" evoluiu para o chamado "sindicato cidadão", modificando completamente os princípios fundacionais da CUT.

"ENTENDIMENTO" COM O GOVERNO COLLOR

Uma das primeiras manifestações da nova postura foi a resposta favorável do então presidente da CUT, Jair Meneghelli, de participar do "Entendimento Nacional" proposto pelo Ministro da Justiça Bernardo Cabral, em agosto de 1990, contrariando as resoluções do III Concut. Até então, a CUT se colocava contra os pactos sociais. Segundo as resoluções da Central, não havia porque aceitar "pactos entre desiguais", que não tinham outro objetivo senão "retirar direitos ou a liberdade que a classe trabalhadora deve ter para avançar nas suas conquistas". Não foi por outro motivo que a central havia se negado a participar do pacto de "transição democrática" proposta pela Aliança Democrática no final da ditadura, em 1985, e também do "pacto" proposto pelo governo Sarney em 1988.

Depois de um forte debate na Executiva da central, sob o argumento de que não se tratava de um "pacto" mas de uma "negociação", acabou se aprovando a participação no "Entendimento" com o governo numa votação apertada, de 8 votos a favor e 6 contra.

O ACORDO DAS MONTADORAS

Outra manifestação dessa nova orientação foi a proposta de participação nas "Câmaras Setoriais" - setores produtivos -, elaborada pelo deputado Aloízio Mercadante (PT). A princípio, encabeçado pelo sindicato dos metalúrgicos do ABC em 1992, foi assinado o primeiro acordo do setor automotivo com duração de um ano sendo, em seguida, renovado até 1995. O objetivo era aparentemente coerente: com a diminuição dos preços, o consumo e, por decorrência, a produção, aumentariam, acarretando mais emprego e maior salário. Além de ter sido vantajoso para os empresários, os resultados não foram animadores. A princípio houve um crescimento do emprego e da produção. Mas em seguida, enquanto a produção e a produtividade cresciam, o nível de emprego foi caindo abruptamente. Ficava clara a impossibilidade da conciliação dos interesses do capital e do trabalho.

O FAT E OS PROGRAMAS DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL

Coerente com o sindicalismo propositivo, a partir de 1994 a CUT passou a participar dos programas de requalificação profissional mantido com recursos do Fundo de Amparo dos Trabalhadores (FAT) visando a geração de emprego e renda.

Dessa forma, a Central incorporava a idéia difundida pelos empresários que o desemprego decorria da má formação profissional do trabalhador. Ao mesmo tempo, voltava-se à concepção assistencialista dos pelegos ao se buscar substituir o papel do Estado na educação. Desta maneira, o princípio da independência financeira frente ao Estado, que estava na base da rejeição do imposto sindical, era totalmente abandonado. Basta observar que, só no ano de 1999, a CUT recebeu em torno de R$ 21 milhões de repasse do FAT.

O "SINDICATO CIDADÃO"

No 5° Concut realizado em 1994, há uma ampliação dessa visão ao se adotar como "perspectiva o avanço da democracia e da cidadania no Brasil". Para isso, a chamada "sociedade civil" deveria buscar a hegemonia no interior do Estado. Assim, seriam indispensáveis as alianças no "campo democrático e popular".

No 6° Concut realizado em 1997, a defesa do conceito de cidadania em detrimento ao de classe fica ainda mais claro. Basta dizer que o tema desse congresso era "CUT 2000: emprego, terra, salário e cidadania para todos".

Dessa forma, a central se afastava definitivamente da estratégia da classe trabalhadora se constituir uma alternativa independente na busca de uma sociedade sem exploração, uma sociedade socialista. Voltava-se a adotar, com uma nova roupagem, a estratégia de colaboração do sindicalismo populista dos anos 60.

AGÊNCIA BRASIL

Lula e Marinho no sindicato do ABC

A NEGOCIAÇÃO DOS DIREITOS PREVIDENCIÁRIOS E TRABALHISTAS

Em 1995, Vicentinho, então presidente da CUT, resolveu negociar os direitos previdenciários sem prévia autorização de qualquer fórum representativo da Central. No decorrer das negociações, aceitou a proposta do governo FHC de acabar com a aposentadoria por tempo de serviço, substituindo-a pelo tempo de contribuição. Após fortes debates na Executiva, a *Articulação* venceu a proposta de que a CUT participaria das negociações, obtendo 12 votos a favor e 10 votos contra. Após o adiamento da votação no Congresso, as negociações acabaram não prosperando.

Ao mesmo, através da "parceria" com os patrões, o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, outrora símbolo das lutas, passou a ser a vanguarda na implementação da flexibilização dos direitos, celebrando contratos de flexibilização da jornada de trabalho (banco de horas e de dias), dos salários (PLR), da terceirização além da contratação temporária.

UMA NOVA ESTRUTURA SINDICAL BUROCRÁTICA

Ao longo desse período foi sendo introduzida uma nova concepção sindical. Na 8ª Plenária Nacional realizada em 1996, surge a defesa da proposta dos "sindicatos orgânicos". Os sindicatos passariam a ser representados por ramos de atividade, passando a ser instâncias da CUT. Apesar dessa proposta ser aprovada, teve enorme resistência, já que ela amarrava os sindicatos às decisões da Central, liquidando com a autonomia e a democracia dos sindicatos.

No 6º Concut, realizado em 1997, a proposta foi ratificada, reafirmando a disposição de transformar a central num corpo monolítico, se distanciando definitivamente daquela central que nasceu contra o "cupulismo" dos antigos pelegos.

Com o governo Lula, todo esse processo dá um novo salto, a partir da transformação da CUT numa correia de transmissão do governo, anulando-se como instrumento de luta da classe trabalhadora. Diante disso, setores de esquerda do movimento sindical cutista (sindicalistas do **PSTU**, setores do PSOL e independentes), decidem romper com a CUT e construir uma nova alternativa de luta para os trabalhadores: a Conlutas.

FRENTE DE ESQUERDA É LANÇADA OFICIALMENTE

NERECILDA ROCHA, *de*
União dos Palmares (BA)

O lançamento oficial da Frente de Esquerda (PSOL, **PSTU** e PCB) foi realizado durante a Convenção do PSOL, partido de Heloísa Helena, candidata à presidência da República.

A convenção, antes prevista para a Serra da Barriga, "coração" do Quilombo dos Palmares, devido à chuva teve que ser realizada no pé da serra, na cidade de União dos Palmares (BA). O local escolhido tem a ver com a história de resistência do Quilombo dos Palmares e de Zumbi, símbolo da luta contra a exploração e a opressão.

A convenção reuniu cerca de 300 pessoas, com presença da população local e militância dos três partidos. O PSOL esteve presente com sua militância, além de Heloísa Helena, o vice César Benjamin e vários deputados, como Babá, Luciana, Maninha, Ivan Valente, e candidatos locais. O **PSTU** esteve presente com Zé Maria (presidente do partido) e Ciro Garcia (candidato a deputado federal pelo Rio de Janeiro), além de militantes de Alagoas, Sergipe e Bahia.

Ornamentavam o palco, uma bandeira grande com Heloísa e César Benjamin, duas bandeiras do **PSTU** e uma do PCB, além de faixas da Frente de Esquerda. O ato começou com uma apresentação musical de Vital Farias, cantador nordestino e candidato a Senador pela Frente na Paraíba.

HELOISA HELENA: "TRIBUTO AOS LUTADORES QUE NÃO SE RENDERAM"

Em seu discurso, Heloísa Helena explicou o motivo da escolha do local: *"Foi um tributo aos homens e mulheres que não se renderam"*. Mais adiante, falou da importância da Frente: *"a presença dos companheiros do **PSTU** e PCB é muito importante e fortalece nossa luta"*.

Heloísa afirmou algo que tem enorme importância para a campanha: *"Não aceitaremos dinheiro nenhum do poder econômico, nossa contribuição será de pessoas físicas, da militância"*.

Por último, disse que *"será difícil enfrentar essa estrutura poderosa que ousa pensar que é dona do Brasil e dos corações e mentes do nosso povo. Eu sei que nossa campanha será tarefa difícil. Mas vamos dizer para os representantes da farsa neoliberal, as duas candidaturas que querem novamente enganar nosso povo, que eles podem vir quente que nós estamos fervendo para mudar o Brasil"*.

ZÉ MARIA: "UMA CAMPANHA A SERVIÇO DO PROCESSO DE MOBILIZAÇÃO"

Representando o **PSTU**, Zé Maria em seu discurso lembrou o apoio da mídia, dos banqueiros e grandes empresários ao governo Lula. Ressaltou que esses setores nunca ganharam tanto dinheiro como estão ganhando na administração petista. *"Vão tentar vender ao povo brasileiro a idéia de que só existem duas alternativas: quem estiver a favor do Lula ou achar que ele é um mal menor deve votar nele, quem estiver contra deve votar em Alckmin. Este ato de hoje, é uma primeira expressão de que não vai ser assim. Já existe um setor da classe trabalhadora que não se engana mais com Lula, que vai crescer e vai enfrentar este governo para desmascará-lo"*, declarou.

Zé Maria afirmou que tucanos e petistas são iguais, defendem a mesma política econômica, que massacra o povo para favorecer os banqueiros e grandes empresários, e realizam também a mesma corrupção quando estão no poder. *"Nenhum deles defende os interesses dos trabalhadores. Lula não é um mal menor, pois enganou os trabalhadores e está fazendo um governo tão ou mais nefasto que o de FHC. Lula, a despeito de suas origens governa para os ricos e contra os pobres"*.

Para ele, a grande tarefa que está colocada neste momento é derrotar este governo, e também, a direita tradicional representada pelo PSDB/PFL. *"Essa é a única forma de defendermos efetivamente os nossos direitos e de promover no país as mudanças que precisamos para acabar com a fome, a miséria e a violência. Para isso estamos avançando na construção de alternativas para a luta e a mobilização social, a Conlutas, frente a traição das velhas organizações. E é preciso também que esta alternativa apresente-se no processo eleitoral"*, disse.

CAMPANHA A SERVIÇO DA MOBILIZAÇÃO

O dirigente do **PSTU** lembrou da importância da campanha da Frente para combater a falsa polarização de Lula e Alckmin, afirmando: *"É preciso apresentar a cada trabalhador uma alternativa que represente seus interesses, uma alternativa de esquerda representada pelas candidaturas de Heloísa Helena e César Benjamim, com a Frente de Esquerda"*.

Ressaltou também a importância da campanha da Frente se apresentar a contra o pagamento da dívida externa e interna, da ruptura com as políticas econômicas do FMI, da reestatização das empresas privatizadas e a estatização do sistema financeiro.

"E acima de tudo uma campanha a serviço do processo de mobilização que já está em curso no país, as greves dos servidores federais, da UERJ, da luta dos metalúrgicos contra as demissões, da campanha salarial dos petroleiros, trabalhadores nos correios, bancários que se inicia neste segundo semestre. As mobilizações ainda são incipientes, vamos trabalhar para generalizá-las e radicalizá-las, pois este é o caminho que poderá levar a uma efetiva transformação do nosso país", declarou.

Nesse sentido Zé Maria disse que o principal objetivo da Frente é fortalecer as lutas populares. *"Queremos eleger deputados, governadores, senadores, presidente da república, comprometidos com os trabalhadores. Mas acima de tudo uma candidatura para fortalecer a luta e a organização dos trabalhadores brasileiros. Só o processo de mobilização social pode reunir forças suficientes para mudar o país"*.

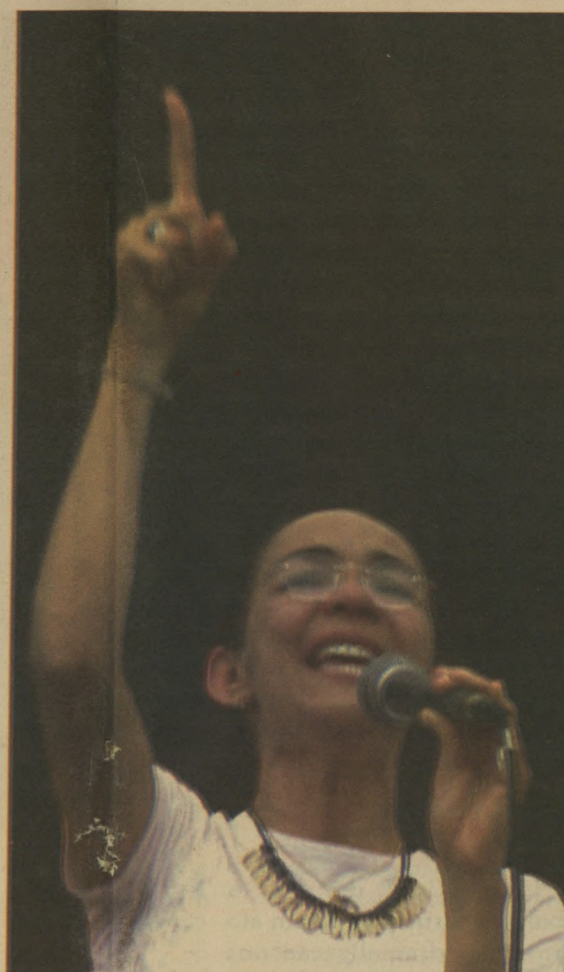
Por fim, finalizou dizendo que o **PSTU** estará nessa luta. *"Vocês poderão contar com cada um dos militantes do **PSTU** em todo o país. Estaremos lado a lado, ombro a ombro, nesta batalha pelo voto dos trabalhadores e para fortalecer suas lutas e sua organização"*, concluiu.

A IMPORTÂNCIA DA INDEPENDÊNCIA DA BURGUESIA

ERNESTO GUERRA, *de*
São Paulo

É comum ver partidos vindos da esquerda se renderem aos encantos da burguesia. O financiamento das campanhas eleitorais é um dos primeiros passos para que esses partidos percam sua independência. Assim como financiam as campanhas eleitorais, os donos das grandes empresas depois cobram sua fatura com os governos e parlamentares eleitos.

Por isto é tão importante a declaração de Heloísa Helena de que não vai aceitar dinheiro do "poder econômico", marcando uma diferença com o PT e PCdoB.

Só queremos fazer uma precisão à declaração de Heloísa. Não se trata somente de recusar o dinheiro de "pessoas jurídicas", e aceitar o de "pessoas físicas". Antonio Ermírio de Moraes, um dos grandes patrões deste país, poderia doar dinheiro em nome da Votorantin (sua empresa), ou seja, como "pessoa jurídica". Ou poderia também dar a título pessoal, como "pessoa física", e seria a mesma coisa, uma "doação" da burguesia. Devemos rechaçar qualquer "doação", vinda das empresas ou dos burgueses. Ambas comprometem nossa independência.

UMA CONVENÇÃO VITORIOSA DO PSTU EM SANTA CATARINA

A convenção do **PSTU** ocorreu em Florianópolis, capital do estado, com a presença de mais de 50 companheiros das regiões de São José, Chapecó, Blumenau, Itajaí e Criciúma.

Na abertura falou Paulo César Wilpert, candidato a deputados federal representando o PSOL, que saudou a convenção do **PSTU** e defendeu que a Frente se apresente como uma alternativa socialista.

O debate político se deu em torno da necessidade de se fortalecer as lutas no país e no estado, apresentando uma alternativa às candidaturas burguesas de Luiz Henrique (PMDB), Esperidião Amim (PP), e também da candidatura do PT José Fritsch, atual secretário da Pesca do governo Lula.

Foram também indicados os nomes de Alexsandro, professor de São José, e Dari, servidor público de Blumenau, para deputados federais, Joaninha de Oliveira para deputada estadual, e Gilmar Salgado, candidato ao senado.

Foi realizada também a convenção do PSOL, onde foi aprovada a Frente de Esquerda. Estavam ausentes da convenção os companheiros (as) da Frente Única Social e Política, que se licenciaram do PSOL até outubro, mas que desde o início estiveram junto com o **PSTU** na defesa da Frente de Esquerda.

CONVENÇÃO GAÚCHA REFERENDA FRENTE

A convenção do **PSTU** no Rio Grande do Sul, realizada no dia 21 de junho, oficializou as candidaturas já discutidas pela militância e referendou a coligação com PSOL e PCB.

Para representar o partido na Frente de Esquerda no estado foi definida a candidatura de Vera Guasso, militante do **PSTU**, para o senado. Para deputado estadual o **PSTU** gaúcho vai laçar Julio Flores. E para deputados federais a convenção ratificou o nome de Davi Dietrich, da Juventude do **PSTU** de Porto Alegre, e do Professor Antônio Carlos Rodrigues.

Esteve presente na convenção Giusepe Fincco, representando o PSOL, que saudou a Frente, e disse que *"esta unidade eleitoral deve continuar depois das eleições porque é necessária e possível"*. Vera Guasso que afirmou que "a frente deve defender um programa de ruptura com o imperialismo, e dizer aos trabalhadores e jovens que só a luta muda a vida e traz conquistas".

DIA 29, CONVENÇÃO DO PSTU EM SÃO PAULO

No dia 29 de junho às 19 horas, no Plenárinho da Câmara Municipal de São Paulo, o **PSTU** realizará sua convenção estadual e também nacional.

A convenção deverá ratificar a conformação da Frente de Esquerda, entre **PSTU**, PSOL e PCB e debater um programa antiimperialista, classista e socialista.

Em São Paulo, o **PSTU** lançará como candidato a Senador pela Frente, Luis Carlos Mancha Prates, o Mancha, metalúrgico, negro, ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos e da Coordenação Nacional de Lutas, a Conlutas.

Serão escolhidos também os candidatos proporcionais. Entre eles, estará sendo lançado o nome de Dirceu Travesso, liderança da oposição Bancária e da Conlutas, para deputado Federal. Como candidatos a deputado estadual serão apresentados Antonio Ferreira, metalúrgico de São José dos Campos, Fábio Bosco, bancário, e Edgard Fernandes, da Oposição Alternativa e da Executiva da Apeoesp. Outros nomes também devem ser escolhidos.

A convenção deverá contar com uma presença expressiva de lutadores e lideranças dos movimentos sociais, dos sindicatos e da juventude. Espera-se também a presença de Plínio de Arruda Sampaio, candidato da Frente de Esquerda ao governo paulista.

MINAS GERAIS VAI LANÇAR CANDIDATOS EM JULHO

A Frente de Esquerda em Minas apresentará como candidata ao Governo a professora Vanessa Portugal, do **PSTU**. Ex-dirigente do Sindicato dos trabalhadores em educação da Rede Municipal de ensino de Belo Horizonte, Vanessa é uma destacada ativista das lutas sindicais em Minas.

Ao PSOL coube as indicações das candidaturas a vice-governador, o advogado e ativista do movimento negro, Professor Pimenta, e também da candidata da Frente ao Senado, Maria da Consolação Rocha, ex-integrante da Executiva Nacional da CUT e Professora da Universidade Estadual de Minas Gerais.

A candidatura de Vanessa terá ainda o apoio do PCB, que resolveu apresentar candidato próprio ao Senado e chapa própria nas eleições proporcionais.

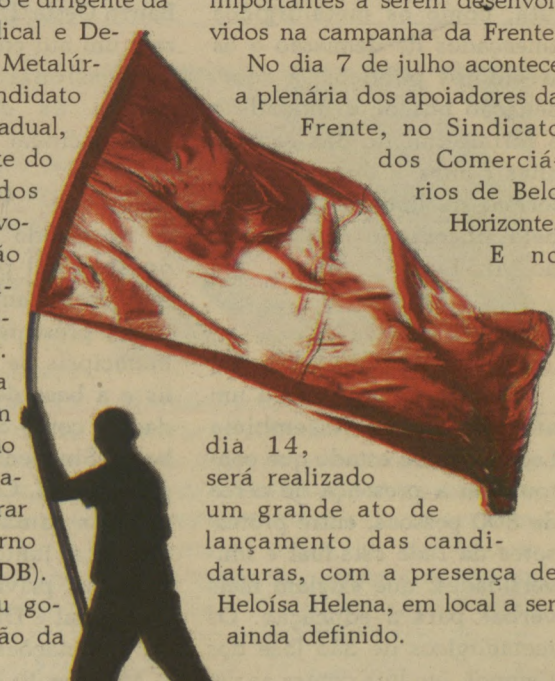
O **PSTU** definiu seus candidatos ao parlamento. Dentre eles, Gilberto Gomes, o "Giba", metalúrgico e dirigente da Federação Sindical e Democrática dos Metalúrgicos como candidato a deputado estadual, e do ex-dirigente do Sindicato dos Bancários e advogado, Sebastião Carlos, o "Cacau", para deputado federal.

A campanha da Frente em Minas terá como uma de suas tarefas desmascarar a farsa do governo Aécio Neves (PSDB).

Durante seu governo, a redução da carga tributária das grandes empresas foi acompanhada de um aumento significativo dos tributos sobre serviços e do aumento das tarifas públicas, como água e luz.

A defesa da reestatização da Cia. Vale Rio Doce e do Rio São Francisco, contra o projeto de transposição apresentado por Lula e defendido por Aécio, são outros pontos de programa importantes a serem desenvolvidos na campanha da Frente.

No dia 7 de julho acontece a plenária dos apoiadores da Frente, no Sindicato dos Comerciários de Belo Horizonte.

E no dia 14, será realizado um grande ato de lançamento das candidaturas, com a presença de Heloísa Helena, em local a ser ainda definido.

SEPE/RJ ROMPE COM A CUT NA MAIOR ELEIÇÃO DE SUA HISTÓRIA

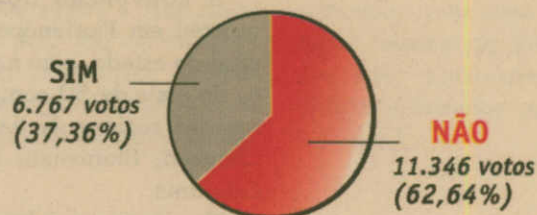
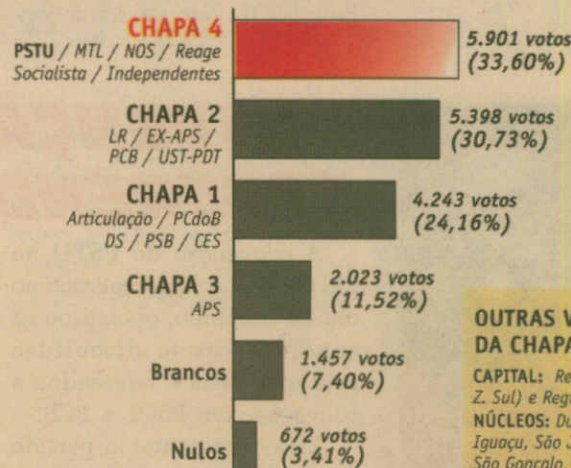
***ANDRÉ FREIRE**, do Rio de Janeiro*

O Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação do Rio de Janeiro (Sepe/RJ) acaba de romper com a CUT em um plebiscito realizado em toda categoria, simultaneamente com as eleições da sua diretoria. Na maior votação da história do sindicato (quase 20 mil votos), realizado de 19 a 23 de junho, os trabalhadores da educação de todo o estado aprovaram, por uma ampla maioria, dos votos (62,64%), que o Sepe/RJ deveria se desfiliar da CUT.

Foram inscritas quatro chapas, sendo duas que defendiam a manutenção da filiação (chapas 1 e 3). As outras duas chapas (chapas 2 e 4) defendiam a ruptura do Sepe com a CUT), sendo que os grupos que formam a chapa 2 foram contra a ruptura imediata, no último Congresso do Sepe, propondo a realização do plebiscito para este ano. Apesar de todo o aparato e o abuso do poder econômico das duas chapas que defendiam a permanência na CUT, a base da categoria expressou de forma impressionante sua indignação. O "não" à CUT foi majoritário em todas as regionais da capital e na maioria esmagadora dos núcleos do interior e do grande Rio. Mesmo em locais que as chapas cutistas ganhavam as eleições para a diretoria do sindicato, o "não" à CUT era majoritário, expressando o grande repúdio da base.

Em relação às eleições da diretoria do Sepe Central, as duas chapas que defendiam a ruptura com a CUT tiveram os melhores desempenhos. A chapa 4 – "O Sepe é de Luta e da Educação – A CUT não" formada pelos militantes do PSTU / MTL / NOS / Reage e independentes, chegou em primeiro lugar com 5.901 votos (33,6 %). Além da vitória expressiva no plebiscito e na eleição para a Diretoria do Sepe Central, a chapa 4 venceu também a disputa pelas diretorias locais em 2 regionais da capital e 11 núcleos do interior e grande Rio.

"Após esta expressiva vitória vamos fortalecer ainda mais o debate na categoria sobre a construção de uma nova ferramenta para fortalecer a luta da classe trabalhadora. Reconhecemos na realização do Conat e na construção da Conlutas um grande passo no sentido de construir uma Coordenação Nacional para as lutas dos trabalhadores e do conjunto dos explorados e oprimidos", afirmou Gualberto Tinoco (Pitéu), um dos coordenadores gerais da chapa 4.

PLEBISCITO SOBRE MANUTENÇÃO NA CUT

SIM
6.767 votos
(37,36%)

NÃO
11.346 votos
(62,64%)

DIRETORIA DO SEPE CENTRAL

CONLUTAS

DIA 21 IMPULSIONA UNIFICAÇÃO DAS MOBILIZAÇÕES

***DIEGO CRUZ**, da redação*

A Conlutas realizou no dia 21 de junho um dia de mobilizações em defesa dos direitos e contra a criminalização dos movimentos sociais. Unificando as mobilizações de vários setores em luta, como os metalúrgicos ameaçados de demissão e os servidores públicos, a coordenação buscou a unidade e o fortalecimento das campanhas contra a dívida, as reformas neoliberais de Lula e pela libertação dos presos do MLST.

CATEGORIAS UNEM FORÇAS EM SÃO PAULO

Em São Paulo ocorreu um ato público na Assembléia Legislativa do estado que contou com a presença de cerca de 800 pessoas, entre professores da rede estadual e universidades, que exigiam mais verbas para a educação. Os metalúrgicos de São José dos Campos, em luta contra as demissões da Volks, estiveram presentes em uma audiência pública sobre o caso e engrossaram a manifestação.

Na região do ABC, o Sindserv (Sindicato de servidores municipais de Santo André), membros da comissão de fábrica da Volks, entidades estudantis e a Associação de Bairro Oeste/Diadema realizaram um ato em frente a uma concessionária da Volks contra as demissões da multinacional.

EM MINAS, 2 MIL PESSOAS

No estado mineiro, cerca de duas mil pessoas realizaram uma manifestação. Estiveram presentes os servidores municipais de BH, Divinópolis e a base de diversas entidades, como Sintappi, Sinkibel e Sindrede. Os metalúrgicos de BH, Contagem e Divinópolis também marcaram presença, junto com os trabalhadores privados da Saúde da capital e Divinópolis, além de associações comunitárias, o Movimento dos Sem-Casa e o DCE da Federal de Minas.

CONTRA AS REFORMAS

Em Brasília, uma comissão de sindicalistas esteve o dia todo no Congresso promovendo um intenso trabalho de pressão sobre os parlamentares, em favor do reajuste do salário mínimo e aposentadorias, e contra a reforma da Previdência, o Super-Simples e pela liberdade dos presos do MLST.

O grupo protocolou na Procuradoria Geral da República o 1º lote do abaixo-assinado da campanha pela anulação da reforma da Previdência. Cerca de 10 mil assinaturas foram entregues, exigindo a anulação da reforma. Apesar disso, a campanha prossegue arrecadando assinaturas.

Após essa atividade, a coordenação empreendeu uma campanha contra o projeto do Super-Simples. Munidos com uma carta aberta explicando os efeitos do projeto para a destruição de vários direitos, assinada por cerca de mil entidades sindicais, os sindicalistas percorreram os gabinetes dos parlamentares divulgando a carta.

A Conlutas participou ainda da audiência pública da Comissão Mista do Salário Mínimo, promovida pela Cobap (Confederação Brasileira dos Aposentados). Os aposentados protestaram contra o arrocho e reivindicaram a aprovação da MP 288/06, que estabelece a mesma percentagem do reajuste do salário mínimo às aposentadorias.

LIBERDADE AOS PRESOS DO MLST!

Já no final do dia, a Conlutas participou de um ato contra a criminalização dos movimentos sociais, exigindo a imediata liberdade dos presos do MLST. Durante o ato, foi formada uma Comissão Permanente que acompanhará a situação dos presos, encaminhando uma campanha pela libertação dos sem-terras.

Publicação da Liga Internacional dos Trabalhadores – Quarta Internacional (LIT-QI) – www.litci.org

CRESCE O PÂNTANO PARA O IMPERIALISMO

Desde 11 de setembro de 2001, o governo de George W. Bush tenta retomar com sangue e fogo o controle absoluto sobre o Oriente Médio, acompanhado, com maiores ou menores contradições, pelo imperialismo europeu. A primeira ação desta política foi a invasão do Afeganistão (2001) e o segundo passo foi a invasão do Iraque (2003). Em ambos os casos, o Estados Unidos conquistaram rápidas vitórias militares, derrubaram os governos dos Talibans e de Saddam Hussein e instalaram regimes coloniais, sustentados pelas tropas invasoras.

Uma análise do conjunto da situação atual mostra que, longe de conquistar o objetivo de controlar a região, a posição do imperialismo está cada vez mais complicada. Apesar de sua ofensiva militar genocida e do aumento dos gastos de guerra, o imperialismo ainda não controla o Iraque, sua "primeira frente", pois está acossado por uma resistência militar com apoio de massas. Agora vê reabrir-se diante de seus olhos uma "segunda frente" no Afeganistão, país que até pouco tempo parecia controlado.

Esta realidade impõe ao governo Bush a necessidade de redobrar seus esforços de guerra, com um custo econômico e político cada vez maior. Ou seja, bem diferente de seu plano inicial de conquistar "triunfos rápidos" e deixar esses países governados por fantoches. Apenas com a guerra do Iraque, os EUA já gastaram US$ 320 bilhões. O Congresso dos EUA ainda aprovou para 2006 um gasto de US$ 64 bilhões. Contudo, apesar de todos estes gastos, a guerra parece bem distante de seu final.

BUSH SE DEBILITA

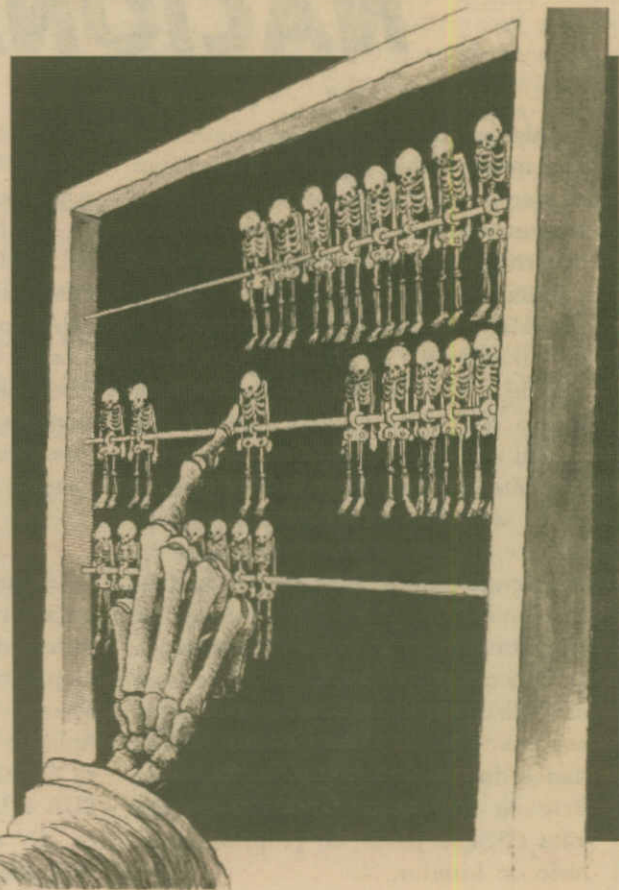
Como resultado desta situação, Bush se debilita cada vez mais nos EUA. O repúdio à guerra é amplamente majoritário entre a população do país e a popularidade de Bush está em torno de 37%, muito baixo para um presidente que comanda uma guerra.

A crise de Bush também é seguida das derrotas de seus parceiros na invasão ao Iraque, como as derrotas eleitorais de Aznar (Espanha), Berlusconi (Itália) e a recente derrota nas eleições municipais de Tony Blair (Grã Bretanha).

A situação do Iraque e do Afeganistão já divide a burguesia ianque. Semanas atrás, se tornou público nos EUA um texto que condena as torturas na prisão de Guantánamo, em Cuba, onde estão os prisioneiros da guerra do Afeganistão. O texto afirmava que tais práticas vão *"contra o espírito da Constituição dos EUA"* e foi assinado, entre outras pessoas, pelo ex-presidente democrata Jimmy Carter. No entanto, o mais significativo é que esta campanha é impulsionada pelo poderoso jornal *New York Times*. Ao mesmo tempo, há também uma ampla divulgação da matança de civis em Haditha.

É difícil acreditar que este grande jornal imperialista se tornou, repentinamente, "humanitário". Expressa, na realidade, a preocupação de um crescente setor da burguesia dos EUA. Temem que a política de Bush conduza o país a um beco sem saída no Iraque e Afeganistão. Por outro lado, temem que a insatisfação contra Bush fuja do controle dentro do próprio EUA. Recordemos que, junto a sua agressiva política externa, Bush promoveu nos EUA um projeto bonapartista, atacando as liberdades individuais da população dos EUA.

Completando o quadro, se desenvolvem hoje nos EUA mobilizações de milhões de imigrantes, especialmente latino-americanos, que lutam pelos seus direitos. Por isso, o *New York Times* e os setores burgueses buscam elaborar uma política alternativa que "salve a pele" do EUA no Oriente Médio e permita também solucionar os problemas internos.

A combinação entre o agravamento da situação no Oriente Médio e a crise do governo Bush põe na ordem do dia a possibilidade do imperialismo ser derrotado no Iraque e no Afeganistão, tal como foi no Vietnam. Contribuir para esta derrota, apoiando a luta dos iraquianos, afegãos e palestinos, é a principal tarefa de todos os lutadores antiimperialistas e revolucionários.

OS VERDADEIROS CRIMINOSOS

Uma das desculpas de Bush para invadir Afeganistão e o Iraque foi a "defesa da democracia e dos diretos humanos" *das ditaduras que tinham esses países. Tal hipocrisia não esconde que o imperialismo é o verdadeiro criminoso que viola constantemente os diretos humanos.*

Em 2004, tornaram-se conhecidas as humilhações, torturas e assassinatos dos presos iraquianos na prisão de Abu Grahib. Agora, vêm a tona assassinatos de civis desarmados cometidos por tropas imperialistas. Uma delas aconteceu em novembro de 2005, na cidade de Haditha. Quinze habitantes apareceram mortos depois que um explosivo matou um soldado dos EUA. A explicação oficial foi que a bomba também matou os civis. Contudo, as investigações da revista Time *mostraram que elas foram assassinadas pelos soldados em represália.*

Este não foi um fato isolado. Um vídeo mostra, por exemplo, um soldado ianque cantando uma canção que conta como assassinou uma família iraquiana: "Agarrei a sua pequena irmã e a coloquei diante de mim. As balas começaram a voar. O sangue se deslizava entre seus olhos. Eu ria como um louco. Mandei essa pequena criança filha da puta para a eternidade". *Tal nível de degradação humana parece cenas do filme* Apocalypse Now, *que fala da guerra de Vietnã. É, na realidade, uma expressão do caráter criminoso adotado pela tropa de ocupação.*

Outra demonstração de criminalidade se dá hoje no campo de concentração de Guantánamo. Por ele já passaram 760 prisioneiros da invasão ao Afeganistão. Cinco anos depois da guerra, apenas 10 deles foram acusados e nenhum foi julgado, o que atenta contra todas as normas internacionais sobre prisioneiros de guerra.

Vivem em verdadeiras jaulas e são submetidos a constantes torturas. Como a fuga é impossível, a principal função dos guardas é evitar que os prisioneiros se suicidem. Recentemente, três prisioneiros conseguiram burlar a vigilância e se suicidaram. A explicação do chefe do campo é absolutamente cínica: "Não creio que tenha sido um gesto de desespero, mas sim uma ação para desacreditar os EUA. Foi um ato de guerra contra nós", *disse.*

A situação em Guantánamo chegou a tal ponto que até a ONU, tradicional instrumento do imperialismo, foi obrigada a condenar e aconselha o fechamento da prisão.

Por fim, recentemente foi revelado os cerca de mil vôos clandestinos realizados na Europa pela CIA para levar prisioneiros de guerra do Iraque. Fato que se soma às denúncias da existência de prisões clandestinas da CIA na Europa. É difícil acreditar que esses vôos tenham acontecido sem a cumplicidade dos governos europeus.

GUERRA CIVIL OU GUERRA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL?

Alguns fatos que ocorreram nos últimos meses podem ter dado a impressão de que o imperialismo se fortaleceu no Iraque. Por um lado, se formou um governo que integra as principais forças políticas xiitas e curdas. Por outro, o imperialismo avançou na sua política de "iraquizar" o conflito, transformando a guerra de libertação numa guerra civil entre xiitas e sunitas.

Tal conclusão, contudo, é profundamente equivocada. O novo governo de Al Malik é de uma profunda debilidade, e já que expressa uma grande divisão entre as diferentes frações burguesas que o compõe. Ao mesmo tempo, a suposta "guerra civil" entre xiitas e sunitas não tem nenhum apoio de massas. Na realidade, grande parte desta suposta "guerra civil" encobre as atividades dos "esquadrões da morte" da Brigada Badr, dirigida pelo partido xiita CSRI, a partir do próprio Ministério do Interior.

O NOVO GOVERNO DE AL MALIK

O novo governo fantoche demorou cinco meses para se formar, em função do alto grau de divisão entre as frações burguesas que colaboram com os ocupantes e os problemas que imperialismo tem para negociar com correntes ligadas ao Irã.

O dirigente da Dawa, Jaafari, muito comprometido com os esquadrões da morte, saiu do governo e foi substituído por outro membro da coalizão xiita, Al Malik, também do partido Dawa. O governo, num certo sentido, se fortalece com a incorporação em postos importantes (área de seguridade) de setores mais à esquerda, como Al Sadr, dirigente do Exército Mehdi. Também se mantiveram no governo os representantes da oligarquia curda e foram incorporados setores minoritários dos sunitas.

Contudo, esta "unidade" no governo não se expressa na realidade. Distintas frações xiitas, por exemplo, disputam entre si o controle das áreas petroleiras. Na região petroleira de Basora, ao sul do país, são constantes os enfrentamentos armados não só com as tropas inglesas, mas também entre as milícias Badr, o exército Mehdi e Fajita (um setor burguês regional que, até a instauração do novo governo, tinha o domínio da região).

Outro ponto de diferenças é o que fazer com as milícias pró-governo: Jaafari e Al Malik propõe incorporá-las na polícia e no exército, todavia outros ministros propõem dissolvê-las e só admitir a incorporação individual de seus membros.

Finalmente, a grande quantidade de ministros de partidos religiosos xiitas é muito problemática para os EUA e o Reino Unido: seus principais aliados no Iraque estão vinculados diretamente ao Irã, o que fortalece o governo desse país num momento em que o imperialismo o enfrenta na questão nuclear.

PRISÃO DE GUERRA

A imprensa mundial tenta mostrar uma situação onde os dois setores locais xiitas e sunitas se enfrentam enquanto as potências imperialistas apenas os vigiam. Ajudam dessa maneira a política dos EUA e Inglaterra de alentar uma guerra civil no Iraque.

Um exemplo disso foi o incidente da detenção de agentes ingleses que, disfarçados de árabes, foram realizar atentados contra a população xiita em Basora e, seguramente, culpar os "terroristas sunitas".

A política de "dividir para reinar" mantem latente o perigo de guerra civil. Embora não tenha conquistado até agora um peso de massas e de não conseguir mudar o eixo central da luta: uma guerra de libertação nacional onde, por um lado, estão os ocupantes imperialistas e seus lacaios, e de outro, o povo iraquiano, xiita e sunita, obrigados a unir-se contra o inimigo comum.

Como expressão desta realidade, Al Sadr, depois de aderir ao governo, continua com sua retórica de unidade xiita-sunita contra a ocupação. Quando Bush visitou o país, Sadr promoveu uma marcha de milhares de seus seguidores em Bagdá, exigindo um prazo para a retirada.

As ações dos "esquadrões da morte" das milícias Badr, por um lado, e os atentados contra as mesquitas xiitas, atribuídos ao grupo que encabeçava Al Zarqawi, por outro, ajudam a política de impulsionar uma guerra civil. A ausência de uma direção revolucionária para as massas iraquianas contribui também para que o imperialismo imponha a política de divisão.

CADA VEZ MAIS DIFÍCIL...

As tropas ocupantes estão lançando uma ofensiva militar genocida. Sem dúvida, não conseguem deter as ações da resistência. Durante o ano passado, 34 mil ataques da resistência foram realizados, segundo o próprio Pentágono. O resultado é que, cada dia, morrem 2 ou 3 soldados ianques. A cifra total de baixas reconhecidas pelas autoridades militares dos EUA já supera os 2.500.

O sul do país também passou a ser uma zona de grande instabilidade e enfrentamentos com as tropas inglesas. Nesta região, os confrontos entre as frações xiitas dificultam a tarefa de "manter a ordem" e abrem espaço aos combates de milícias contra as tropas invasoras. Um helicóptero inglês foi derrubado com um míssil, semanas atrás.

Como expressão da agudização da luta, o exército britânico já contabiliza mil desertores, segundo a BBC. Diante disso tudo, informações dão conta que empresas petroleiras européias estariam tentando negociar diretamente com os insurgentes.

...CADA VEZ MAIS CARO

Os gastos do governo dos EUA na guerra representam um peso cada vez maior no orçamento nacional. O Congresso dos EUA acaba de votar o envio de US$ 64 bilhões para este ano e se calcula que, até agora, se gastaram US$ 320 bilhões desde a invasão (o que supera os gastos iniciais previstos).

Bush, pressionado pela crise interna para dar uma perspectiva de saída do Iraque, alterna discursos pessimistas e otimistas. O secretário de Defesa, Donald Rumsfeld, reconheceu no Senado que seria difícil uma redução significativa das tropas nesse ano.

Já o comandante Peter Pace, animado pela morte de Al Zarqawi, falou uma semana depois, no mesmo Senado, em reduzir de forma importante as tropas este ano e, no final de 2007, deixar só alguns milhares de soldados apoiando as forças "iraquianas". Durante sua recente visita ao Iraque. Bush defendeu essa última posição, mas ao voltar aos EUA, fez declarações mais próximas de Rumsfeld. Tais manobras são uma clara mostra das contradições que a situação no Iraque provoca e da extrema dificuldade dos EUA em controlar o país.

A MORTE DE AL ZARQAWI

Sem boas notícias no Iraque e no Afeganistão, Bush e seu aliado Tony Blair buscaram festejar a morte de Abu Musab Al Zarqawi. Em suas declarações, disseram que isso significava um sinal de que começavam a retomar o controle do país e que marcaria um ponto de inflexão na luta contra a resistência contra a ocupação.

Não acreditamos que seja o mais provável. Al Zarqawi encabeçava no Iraque um grupo armado sunita ligado a Al Qaeda, a corrente internacional de Osama Bin Laden, e sempre ocupou muito espaço na imprensa internacional. Muitas de suas ações eram dirigidas contra a população xiita (como os atentados contra mesquitas ou festas religiosas). Estas ações, na prática, ajudam a política imperialista de promover a "guerra civil religiosa". Por isso, muitas vezes a LIT-QI as criticou e as condenou.

Sem dúvida, apesar do grande espaço que encontram nos jornais, o grupo de Al Zarqawi jamais chegou a ter um peso significativo na resistência nem nas ações contra a ocupação e o regime fantoche. Pelo contrário, importantes setores da resistência condenaram muitas das ações atribuídas a esse grupo.

As declarações dos governos imperialistas, portanto, se baseiam muito mais na necessidade de ter "algo bom para contar" ou na expressão de desejos, que não têm nada a ver com a realidade concreta do Iraque.

AFEGANISTÃO: A 'SEGUNDA FRENTE' PARA O IMPERIALISMO

Reproduzimos trechos do artigo publicado no site da LIT-QI sobre o Afeganistão

(...) As impressionantes imagens da televisão mostravam como um setor da população de Kabul, capital e principal cidade do país, enfrentava com paus e pedras soldados armados até os dentes (...) atacavam as embaixadas e os escritórios da ONU, do governo e da polícia, aos gritos "morram americanos" e "morra Karzai" (chefe do governo). Os militares americanos atiraram contra os manifestantes provocando, ao menos, 14 mortes e dezenas de feridos. Tudo começou quando uma coluna de blindados militares dos EUA abriu passagem no trânsito da cidade, esmagando vários carros civis e matando cinco pessoas. A resposta foi um verdadeiro levante popular.

UM POUCO DE HISTÓRIA

O que aconteceu em Kabul não é um fato isolado, mas que expressa uma mudança na situação do país. (...) Em 2001, na primeira ação militar declarada por Bush após os atentados do 11 de Setembro, tropas imperialistas invadiram o país e, numa rápida vitória militar, derrubaram o regime Talibã, odiado por um grande setor da população. Em várias cidades, os invasores imperialistas foram recebidos como libertadores, já que os Talibãs perseguiam as minorias e mantinham uma grande opressão social e cultural. Depois da sua derrota, as forças Talibãs sobreviventes se refugiaram nas montanhas da fronteira com Paquistão e passaram a fazer ações locais contra o governo fantoche e as tropas estrangeiras.

A VERDADEIRA CARA DA OCUPAÇÃO

O apoio inicial da população foi diminuindo ao se comprovar a fraude das obras e investimentos prometidas pelo "apoio estrangeiro". O estado das escolas, hospitais, estradas, etc., é vergonhoso e essas "obras" só serviram para enriquecer as empresas imperialistas contratadas.

O peso da ocupação criou até uma "economia paralela" administrada pela ONU nas grandes cidades (...) onde uma pequena minoria de funcionários estrangeiros, muitos deles vinculados as ONGs, e seus empregados afegãos, ganham muito mais que o resto da população e convivem com a miséria da grande maioria.

Além disso, o governo Karzai se manteve apoiado nas tropas dos EUA e seus aliados imperialistas, mas nunca controlou verdadeiramente o país. Para realizar as eleições "democráticas", muito propagandeadas pelos EUA, fez acordos com os "senhores da guerra" e obteve o apoio de suas tropas. Esses acordos permitiam que estes "senhores" mantivessem o controle de suas regiões e as instituições locais e operassem livremente suas atividades criminosas, em particular o tráfico de ópio. O governo se limitou a se manter na capital e, por meio desses acordos, administrar precariamente o conjunto do país.

UMA MUDANÇA NA SITUAÇÃO

Depois de quase cinco anos de ocupação, as tropas imperialistas e o governo títere de Karzai vivem uma situação qualitativamente distinta. A experiência com a ocupação levou a que cada vez mais setores da população se voltassem contra os ocupantes.

A mudança no sentimento da população, nestes últimos meses, deu espaço para uma nova resistência, onde vários grupos se enfrentam com os ocupantes e com o governo fantoche. Hoje, já há regiões inteiras onde o governo não pode entrar e as tropas ocupantes só o fazem quando lançam um grande operativo militar, ou atacam com aviões, sem poder manter soldados de forma permanente. Os jornalistas falam de "zonas liberadas" nas províncias de Paktia, Khost e Zabul, ao sul e sudeste do país, onde o controle sempre foi precário, e em Helmand, área estratégica do país, onde os ataques se multiplicaram mais recentemente e o governo de Karzai não teria mais o controle efetivo.

A multiplicação da resistência é acompanhada com uma recuperação do prestígio dos líderes Talibãs porque estiveram, desde o início, contra a ocupação. Mas é importante afirmar que a resistência não se limita a eles: ultimamente começou a existir uma coordenação entre distintos setores e tribos que, sem ser talibãs, estão se unindo à luta armada contra os invasores. Por exemplo, uniu-se à resistência Gulbudin Hekmatiar, antigo aliado de Irã e líder da guerrilha contra a ocupação da ex-URSS, na década de 1980. Este dirigente foi ministro do governo Karzai, rompeu com ele e se declarou contra a ocupação.

O que aconteceu em Kabul mostra um aprofundamento deste processo, já que a capital era, até agora, o único lugar do país onde o governo e os exércitos ocupantes pareciam ter um controle mais firme.

A TEMIDA "SEGUNDA FRENTE"

Estas são "notícias muito ruins" para Bush e o conjunto do imperialismo: significaria a abertura da temida "segunda frente" militar na região. Bush procurava uma diminuição das suas tropas neste país para transferir o peso da ocupação às potências imperialistas européias, através da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte). O plano era que Alemanha, Inglaterra e Espanha se encarregassem desta tarefa. Por exemplo, Zapatero, presidente espanhol, depois da retirada de soldados espanhóis do Iraque, forçada pelas mobilizações de massas em seu país, não abandonou a frente inter-imperialista com EUA, e enviou tropas ao Afeganistão.

A política de Bush, que necessita se concentrar no Iraque, choca-se agora com o deterioração da situação no Afeganistão. Demonstrando preocupação com esta nova realidade, John Hamre, diretor do acadêmico Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais declarou ao *New York Times*: *"Alguns funcionários dos EUA estão preocupados ante a possibilidade de ficar atados a uma batalha prolongada enquanto o controle escapa das mãos do governo central"*. Este fato poderia significar a impossibilidade de diminuir os 20 mil soldados norte-americanos no Afeganistão e os substituí-los por tropas de outros países da OTAN.

O surgimento deste novo pântano para o imperialismo e suas instituições (como a OTAN e a ONU) significa "boas notícias" para os trabalhadores e os povos do mundo. Está colocada, com força cada vez maior, a possibilidade de uma derrota militar do imperialismo no Afeganistão e no Iraque. Os revolucionários, sem depositar a mínima confiança e apoio político nas direções das organizações islâmicas, apóiam a resistência do povo afegão para expulsar as tropas invasoras e as instituições do imperialismo (sejam estas americanas, européias ou "mundiais") e para derrubar ao governo fantoche de Karzai.

QUANDO O RACISMO ENTRA EM CAMPO

WILSON H. DA SILVA, da redação

São poucos os que não reconhecem que a Copa é uma festa única, que mobiliza de forma apaixonada os corações e mentes de milhões de torcedores de todo o mundo. Menos ainda são aqueles que não apreciam a beleza dos jogos e a empolgação desmedida das torcidas. Contudo, são poucos, infelizmente, aqueles que conseguem ver que, para além dos estádios, não são raras as vezes em que o futebol reproduz umas das facetas mais nefastas da sociedade capitalista: o racismo.

O longo histórico dos episódios racistas em campos de futebol, no Brasil e na Europa, já é bastante conhecido e foi alvo de um artigo no ***Opinião***, sobre o caso que envolveu o jogador *Grafite* e o argentino Desábato, em abril do ano passado. Aliás, de tão conhecidos, os ataques racistas se transformaram numa das principais preocupações dos organizadores desta Copa. O que não significou que a discriminação deixasse de ocorrer ou fosse realmente condenada pelos cartolas do futebol mundial.

Muito pelo contrário. A impunidade é o que tem prevalecido na maioria dos casos. As ridículas penas dadas aos racistas só incentivam que as atitudes continuem. Neste sentido, as faixas contra o racismo que foram estendidas nos gramados dos jogos da Copa surtem pouco ou quase nenhum efeito.

RACISTAS EM CAMPO...

As atitudes racistas são relevadas a um plano quase insignificante na carreira de jogadores e demais profissionais da bola. Exemplos lamentáveis disto presentes na atual copa, são os casos dos técnicos da Espanha e da Ucrânia.

Durante um treino da seleção, o espanhol Luis Aragonés foi flagrado dando a seguinte orientação para o meia José Antonio Reys em relação ao atacante Thierry Henry (França): *"Olhe para ele e fale: Eu sou melhor do que você, seu negro de merda"*. Registrado pelas câmeras, o ataque racista resultou em uma "multa" de 3 mil euros e nenhum questionamento foi feito sobre a continuidade do técnico à frente do time espanhol.

Já o ucraniano Oleg Blokhin ganhou lamentável notoriedade ao sugerir que todos os jogadores estrangeiros que atuam em seu país (africanos e negros em particular) são macacos, declarando à imprensa que seu time tinha que *"aprender com o Shevchenko, e não com um Zumba-Bumba que ganha duas bananas para jogar"*.

Já no que se refere aos torcedores, a possibilidade de ataques racistas também não são pequenas. Particularmente por parte dos neonazistas alemães, que antes mesmo no início do campeonato iniciaram uma campanha contra a presença de estrangeiros no país e, particularmente, em sua seleção. Um dos alvos preferenciais é Gerald Asamoah (nascido em Gana e hoje integrante da seleção alemã), que já foi alvo de "bananadas" em jogos de seu time (o Hannover) e de uma campanha com o seguinte "slogan": *"Branco. Algo mais que uma cor. Por uma seleção realmente branca"*. Para infelicidade dos neonazistas, Asamoah é um dos destaques da seleção alemã, junto com a dupla de atacantes formada pelos poloneses naturalizados Klose e Podolski.

...E MUITO FORA DELES.

Na Alemanha, somente em 2005 foram registrados 14 mil ataques racistas –, que os organizadores, de forma vergonhosa, distribuíram vasto material alertando os torcedores para as áreas consideradas "perigosas" para negros e estrangeiros em geral (as chamadas "no go areas" – "não vá para tais locais"). Ou seja, ao invés de prender e punir os racistas, decidiram simplesmente "isolá-los". Uma medida que não é somente absurda e ineficaz, como também estimula os ataques fora destas áreas.

Thierry Henry (França)

Algo que ficou evidente no dia 19 de junho, quando um adolescente alemão de origem etíope foi brutalmente atacado por neonazistas em meio a gritos de *"Negro de merda! Alemanha para os alemães!"*. Até o dia 20 de junho, pelo menos outros 30 ataques já foram registrados nas cidades em que estão sendo realizados os jogos.

GLOBALIZAÇÃO DO RACISMO

Outro fato que marca essa Copa é a enorme quantidade de jogadores – a maioria vinda de países pobres – que se naturalizaram e jogam em times estrangeiros. Neste mundial, a "legião estrangeira" atingiu o recorde de 64 jogadores. No Mundial de 2002, esse número era de 43. Além dos já referidos craques estrangeiros da Alemanha, talvez a seleção da França seja o maior exemplo disso. A maioria absoluta dos jogadores, inclusive o ídolo Zidane, descendente de argelinos, provém de ex-colônias do país. Jogadores brasileiros também atuam em outras seleções, como Deco (Portugal), Alex (Japão) e Marcos Senna (Espanha).

Se por um lado, a "internacionalização" do futebol expressa as cifras astronômicas da mercantilização do esporte, por outro, reflete o fenômeno da imigração para a Europa, onde milhares de trabalhadores fogem da miséria de seus países em busca de uma "vida melhor" e acabam trabalhando nos empregos mais precários, além de serem vítimas constantes de racismo promovido, sobretudo, por políticos reacionários e pelos governantes europeus.

Fato explicitado pelo líder fascistóide francês Jean-Marie Le Pen. Diante da insatisfação dos franceses com as evidentes dificuldades do time de seu país, Le Pen não demorou em achar um "responsável". Segundo ele, a falta de identificação dos franceses com seu time se deve ao fato do técnico ter *"exagerado na proporção de jogadores de cor"*.

EXEMPLOS A SEREM SEGUIDOS

Diante da vergonhosa conivência dos times e cartolas com o racismo, há de destacar ações como o do grupo teatral brasileiro "3 de fevereiro" – data em que o dentista negro Flávio Sant'Anna foi assassinado por policiais em São Paulo, em 2004. Convidados para participar da "Copa da Cultura", o grupo promoveu passeatas contra os ataques neonazistas a imigrantes, denunciou a existência das "no go areas" e apresentou um espetáculo-manifesto contra o racismo.

Aliás, já que estamos falando da Alemanha, um excelente exemplo histórico precisa ser lembrado. Foi no mesmo Estádio Olímpico de Berlim, onde serão realizadas as finais da copa, que o negro Jesse Owens humilhou um furioso Adolf Hitler, ao ganhar 4 medalhas de ouro nas Olimpíadas de 1936.

Contudo, de lá para cá, a simples presença em campo, ou mesmo o desempenho fantástico de jogadores negros e estrangeiros estão longe de serem suficientes para se combater o racismo. Neste sentido, outro exemplo histórico no esporte tem que ser resgatado. Em 1968, em meio aos protestos que varriam o mundo, dois velocistas norte-americanos – Tommie Smith e John Carlos – ao receberem suas medalhas nas Olimpíadas do México, ergueram seus punhos, na típica saudação dos Panteras Negras e declararam: *"Esta é uma vitória dos povos negros de todos os lugares da Terra"*.

Uma atitude que está distante da omissão de gente como Pelé ou da vergonhosa assimilação do mito da democracia racial, como a de Ronaldo, que, no ano passado, declarou-se "branco".